

# D. JOÃO V E A LISONJA

JOÃO PEDRO FERRO\*

MANUELA REGO\*\*

## 1. Introdução

Define-se panegírico como uma “composição literária, em prosa ou em verso, em que se exaltam as acções e as virtudes de algumas personagens ou se celebram os feitos de um grupo de homens, de um povo, ou ainda as excelências de um lugar e a grandeza de um ideal”<sup>(1)</sup>. Este sentido de propaganda, de divulgação de exemplo(s), que são a base da obra panegírica, foram evidentemente aproveitados pela oratória religiosa. O panegírico, em suas diversas formas, manifestava-se sobretudo nas exéquias de alguma personagem importante ou por ocasião de um acontecimento especial, muitas vezes ligado à casa reinante<sup>(2)</sup>. Acusando algum declínio com o movimento iluminista do século XVIII, o panegírico, tanto em prosa como em verso, floresceu, para além da oratória sagrada,

---

\* Investigador.

\*\* Lisboa, Biblioteca Nacional.

<sup>(1)</sup> “Panegírico — Na literatura portuguesa”, in *Dicionário de Literatura...*, dir. de Jacinto do Prado Coelho, 3ª. ed., vol. 2, Porto, Figueirinhas, 1976, p. 782.

<sup>(2)</sup> *Ibidem*, p. 784. Segundo o “Catálogo dos Sermões que se têm impresso avulsos até o anno de 1716”, eram os seguintes os temas da oratória portuguesa até 1716:

1. Sermões de autos-de-fé
2. Sermões em acção de graças pelo nascimento de príncipes, bons sucessos de armas, etc.
3. Sermões em acção de graças pela aclamação de D. João IV
4. Sermões pelas almas
5. Sermões de santos, desagravo do santíssimo, etc.
6. Sermões de exéquias
7. Sermões a propósito da edificação de templos e outras efemérides.

(Jacinto do Prado Coelho, “Oratória. Em Portugal”, in *Dicionário de Literatura...*, dir. do mesmo, 3ª. ed., vol. 2, p. 761).

no seio das academias, no mútuo louvor dos sócios, no elogio de protectores ou, simplesmente, como exercício de estilo<sup>(3)</sup>.

O presente estudo vai debruçar-se sobre as obras panegíricas e congéneres elaboradas em torno da figura de D. João V e que hoje se encontram na Biblioteca Nacional, em Lisboa<sup>(4)</sup>. Vai analisar, não o seu conteúdo, mas sim a temática que as motivou, a forma que tiveram, os autores que as escreveram — quem eram e quais as suas motivações — e ainda tentar averiguar o papel dos impressores na respectiva publicação.

A história da lisonja e das formas de lisonja encontra-se por fazer em Portugal. Oxalá que, com este estudo preparatório e de modo algum exaustivo, se possa contribuir para despertar o interesse pelo tema, inexplorado ainda na historiografia portuguesa<sup>(5)</sup>.

## 2. As Obras

Da colecção da Biblioteca Nacional reuniu-se um conjunto de 319 obras que têm como base o rei D. João V e alguns factos com ele directamente relacionados. Estas obras podem dividir-se, tematicamente, do seguinte modo:

	N.º	%
1 — Nascimento, aclamação e coroação	5	1,6
2 — Aniversário	22	6,9
3 — Dia do nome	19	6,0
4 — Casamento	11	3,4
5 — Nascimento e casamento de infantes	11	3,4
6 — Saúde	27	8,5
7 — Morte	197	61,7
8 — Outros assuntos	22	1,6
9 — Indeterminados	5	1,6
Total	319	100,0

<sup>(3)</sup> “Panegírico...”, cit., p. 785.

<sup>(4)</sup> Estas obras encontram-se inventariadas e catalogadas: “Livros e opúsculos de panegíricos a D. João V” in *Portugal no Século XVIII: de João V à Revolução Francesa*, catálogo da exposição organizada pela Biblioteca Nacional e pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989, pp. 115-151.

<sup>(5)</sup> Pistas interessantes para uma abordagem diferente deste assunto

Assim, motivaram, essencialmente, a elaboração de obras panegíricas e congéneres: em primeiro lugar, e a grande distância dos demais temas, a morte do rei; em segundo lugar, o aniversário do seu nascimento, celebrado a 22 de Outubro, e a celebração do dia dos santos com o seu nome: S. João Baptista, a 24 de Junho, e S. João Evangelista, a 27 de Dezembro; e, em terceiro lugar, a saúde do monarca que, sobretudo a partir de 1742, suscitou as preocupações dos súbditos<sup>(6)</sup>.

Mais de 3/4 destas obras são em poesia, ocupando a oratória, as relações das exéquias e outras, e os elogios, cerca de 1/5 do total:

Poesia:	N.º	%
epicédios	1	
sonetos	194	
epigramas	21	
romances	21	
canções	3	
odes	2	
epitalâmios	6	
poemas heróicos	2	
décimas	3	
oitavas	1	
elegias	6	
glosas	6	
éclogas	2	
Total	267	72,6%

  

Oratória e relações:	N.º	%
apologias, elegias e panegíricos	12	
orações e sermões fúnebres	36	

---

encontram-se em Maria Lúcia Lepecki, Lucília Gonçalves Pires e Margarida Vieira Mendes, *Para uma História das Ideias Literárias em Portugal*, Lisboa, INIC, 1980.

<sup>(6)</sup> Sobre os problemas de saúde de D. João V no final da sua vida, cf. Paulo Drumond Braga, "Comportamentos colectivos perante a doença régia em



orações e sermões vários	15	
relações das exéquias	14	
relações várias	1	
Total	78	24,5%
Música:		
serenatas	17	5,3%
Vária:	6	1,9%
Total	368	100,0%

Vê-se assim que, dentro da poesia, predominavam os sonetos e, a alguma distância, os epigramas e os romances. Na oratória e relações sobressaem os sermões fúnebres, seguidos, a igual distância, pelas apologias e panegíricos, pelas relações das exéquias e pelas orações várias normalmente provocadas pela saúde do rei. A música esgota-se nas serenatas, realizadas sobretudo no aniversário do monarca ou nos dias dos santos do seu nome<sup>(7)</sup>.

A língua habitual era o português seguida, a grande distância, pelo latim e, logo depois, pelo italiano e pelo castelhano. Em francês encontramos uma só obra:

Idiomas	N.º	%
Português	211	74,8
Latim	30	10,6
Italiano	24	8,5
Castelhano	16	5,7
Francês	1	0,4
Total	282	100,0

---

Portugal nos meados do século XVIII", in Anastácio da Cunha. 1744/1787. *O Matemático e o Poeta*, Lisboa, IN-CM, 1990, pp. 261-279 e do mesmo autor, *A doença de D. João V como tema de oratória barroca: o problema de "cura"*, separata do I Congresso Internacional do Barroco. Actas, I, Porto, 1991, pp. 167-175, onde aborda várias vezes a questão dos panegíricos.

<sup>(7)</sup> Sobre a música neste período, veja-se, por todos, Rui Vieira Néry e Paulo Ferreira de Castro, *História da Música*, col. "Sínteses da Cultura Portuguesa", Lisboa, Comissariado para a Europália 91 - Portugal, IN-CM, 1991.

O latim explica-se pela feição religiosa de muitos panegíricos, redigidos por clérigos. As demais línguas provêm da importância das relações culturais e religiosas com a Itália e com a Espanha, nomeadamente após os casamentos da infanta D. Bárbara com o futuro Fernando VI de Espanha e do príncipe D. José com D. Mariana Vitória, infanta de Espanha<sup>(8)</sup>.

As datas das obra coincidem geralmente com o ano dos acontecimentos, sendo às vezes impressas no ano seguinte. Era necessário aproveitar a apetência do público e, por outro lado, marcar a presença do autor ou da instituição a que estivesse ligado.

Vejamos agora os autores.

### 3. Os autores

Uma estatística relativa aos autores indica os números e percentagens seguintes:

	Nº	%
Anónimas	48	15,0
Pseudónimos e iniciais	18	5,6
Identificados	253	79,4
Total	319	100,0

Pode dizer-se, portanto, que, na maioria dos casos, os autores desejavam ser conhecidos, o que, como veremos, podia trazer-lhes vantagens<sup>(9)</sup>.

Excluindo as obras anónimas, encontra-se um total de 271 obras com autoria, correspondente à média de uma obra por autor. No entanto, autores houve que escreveram mais de uma peça literária, numa mesma ou em diversas ocasiões. Tal é o caso, por exemplo, de Filipe José da

---

<sup>(8)</sup> Comparem-se estes valores com os valores percentuais encontrados por Maria Adelaide Salvador Marques para 1769-70 (*A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional. Aspectos de Geografia Cultural Portuguesa no Século XVIII*, Coimbra, 1963, p. 73): Português, 56,4 %; Latim, 31,4 %; Italiano, 0,75%; Castelhana, 6,73 %; Francês, 4,12%.

<sup>(9)</sup> Grande parte das obras anónimas é constituída pelas serenatas.

Gama, autor de quatro poemas em diversos aniversários do monarca, de um panegírico por ocasião do santo do seu nome, de uma oração académica pela melhoria da saúde do rei (1743), que reimprimiu em 1750 e, ainda, de um poema por ocasião da morte do soberano. Mas este autor é uma excepção.

Consultando o *Diccionario Bibliographico* de Inocêncio Francisco da Silva, recolheram-se informações sócio-profissionais-culturais sobre 89 autores, ou seja, cerca de 35 % do total dos que conhecemos o nome completo. Analisando as respectivas datas de nascimento, e considerando as gerações da época de cerca de 20 anos e ainda o nascimento de D. João V como o centro de uma geração, a de 1679-1699, temos então que a maioria dos autores pertenceu à geração seguinte à de D. João V, a de 1699-1719, vindo logo atrás os autores da própria geração do monarca<sup>(10)</sup>:

#### Nº de casos

2ª. geração após (1719-1739)	6
1ª. geração após (1699-1719)	17
geração de D. João V (1679-1699)	12
1ª. geração antes (1659-1679)	8
2ª. geração antes (1639-1659)	1
3ª. geração antes (1619-1639)	2

Segundo os dados obtidos, a maioria dos autores incluía-se na categoria social do Clero. Vinha depois a fidalguia, aliás muito distante, havendo ainda a registar um oficial do Exército.

---

<sup>(10)</sup> Bem sabemos que, correctamente, esta definição de geração é passível de discussão e de correcções evidentes, pois o que deve determinar a definição de uma "geração" não é apenas as datas de nascimento, mas determinados factores ideológicos, culturais, comportamentais, comuns a todo um grupo de homens, que agem numa mesma época. Contudo, isto não está estudado para os séculos XVII e XVIII portugueses, pelo que, por enquanto, nos ficamos por estes dados. Veja-se, porém, sobre as gerações do século XIX e da 1ª. República, pistas e métodos de trabalho, António Machado Pires, *O Século XIX em Portugal: Cronologia e quadro de gerações*, Amadora, Bertrand, 1975, e A. H. de Oliveira Marques, *Estudos sobre Portugal no Século XX: I, Aspectos do poder Executivo: 1900-1932*, sep. de *O Tempo e o Modo*, n.ºs. 47-48, Lisboa, 1967.



Clero	50
Fidalguia	14
Militares	1
Total	65

De entre o Clero, destacava-se o clero regular, de onde sobressaíam os franciscanos e os jesuítas:

	N.º
franciscanos	11
jesuítas	8
teatinos	3
benedictinos	2
dominicanos	2
pregadores (ordem dos)	1
carmelitas descalços	1
lórios	1
oratorianos	1
evangelistas (S. João)	1

De facto, quando da morte do monarca, deviam-se celebrar exéquias em todas as igrejas, fazendo-se então sermões sobre as qualidades do defunto. É assim lógico que, até como medida de competição cultural e social, as principais igrejas e os principais pregadores se preocupassem em imprimir as suas orações, bem como as respectivas descrições das exéquias.

Quanto ao currículo destes autores, deve salientar-se que cerca de 28 % frequentou a Universidade, tendo a maioria obtido um grau em qualquer dos cursos. Por outro lado, as obras dedicadas à pessoa de D. João V não são normalmente as únicas escritas pelo respectivo autor. Saliente-se ainda que grande parte dos autores pertencia às várias Academias, como se pode ver pela lista seguinte<sup>(11)</sup>, com particular destaque para a Academia Real da História, criada e patrocinada pelo monarca:

---

<sup>(11)</sup> Sobre estas academias, veja-se João Palma Ferreira, *Academias Literárias nos Séculos XVII e XVIII*, série “Estudos e Ensaios”, Lisboa, BN, 1982 e Elze Maria Henny Vork, *As Academias Literárias nos Séculos XVII e XVIII*, diss. de doutoramento, policopiada, Lisboa, Faculdade de Letras, 1988.

	N.º
Academia Real da História	11
Academia dos Aplicados	5
Academia dos Árcades de Roma	4
Academia dos Ocultos	4
Academia dos Escolhidos	3
Academia dos Generosos	2
Academia Olisiponense	2
Academia dos Anónimos	2
Academia Brasileira dos Renascidos	1
Academia Brasílica dos Esquecidos	1
Academia do Conde de Ericeira	1
Academia Litúrgica de Coimbra	1
Academia Litúrgica Pontifícia	1
Academia de Geografia e Matemática de Valladolid	1
Academia de História de Madrid	1
Academia Portuguesa de Latim	1
Academia Scalabitana	1
Royal Society of London	1
Sociedade Médico-Lusitana	1

Tentemos averiguar outros motivos que levaram estes homens a escrever o panegírico do seu monarca. Nos Índices dos Livros da Chancelaria de D. João V, encontramos mencionados 54 nomes dos panegiristas em estudo, que receberam 204 mercês do rei, ou seja, quase 4 em média para cada um. Analisando as datas das mercês e as datas das efemérides motivadoras, verificamos que 51 % se distanciaram menos de 5 anos e que as obras escritas no mesmo ano em que obtiveram as mercês, um ano antes ou depois, ou dois anos antes ou depois, ocupam 38,3 %:



Anos de distância entre as mercês e as efemérides a que respeitam	N.º	%
0	3	5,5
1	9	16,4
2	9	16,4
2-5	7	12,7
5-10	13	23,6
+ 10	14	25,4

Havia assim uma relação entre a obra panegírica e a obtenção de mercês, ou o agradecimento dessas mesmas mercês. O caso mais eloquente foi o de João de Brito e Lima que, em 1728, obteve do monarca a legitimação de nada menos de 5 filhos diferentes. No ano seguinte, escrevia um poema acerca da troca de infantas espanhola e portuguesa, dedicado a D. João V.

Mas temos de considerar que não era só do monarca que os autores podiam obter favores. Assim, diversas obras aparecem dedicadas a várias personalidades:

	N.º
príncipe D. José, futuro D. José I	13
infante D. Pedro	10
D. Mariana de Áustria	3
infante D. António	2
D. Fernando Teles da Silva	2
Gomes Freire de Andrade	2

e com uma obra dedicada:

D. Félix Fernando Yañes de Lima Sotto Mayor Masones e Castro  
D. João Botelho de Castro, árcade da Baía  
licenciado Manuel da Câmara e Vasconcelos  
D. Francisco Xavier de Meneses, 4º conde de Ericeira  
um dos sobrinhos de D. João V  
Pe. António Rebelo Carneiro  
Lourenço de Mendonça  
Princesa do Brasil  
D. Lourenço José de Lencastre

D. José de Mascarenhas, marquês de Gouveia  
 cardeal da Mota  
 D. José de Faria  
 D. Diogo de Noronha  
 José Vitorino Holbach

A dedicatória a tais personalidades era, por vezes, uma forma indirecta, e acaso mais eficiente, de atingir o poder. Além disso, devia ser frequente os dedicados encontrarem-se por detrás da publicação das obras, como patrocinadores ou como protectores das Academias a que muitos dos autores pertenciam.

#### 4. Os editores

A esmagadora maioria (85,7 %) dos impressores destas obras localizava-se em Lisboa. Fora da capital, surgem quatro impressores diferentes em Coimbra, dois no Porto e um em Évora, a imprensa da Universidade. Quanto a editores estrangeiros, salientava-se Roma com cinco impressores e Viena com quatro:

	N.º de obras	%
Lisboa	126	85,7
Roma	5	14,3
Coimbra	4	
Viena	4	
Madrid	2	
Porto	2	
Évora	1	
Llerena	1	
Nápoles	1	
Sevilha	1	
Total	147	

A edição de obras de lisonja parece ter sido uma actividade lucrativa para os editores, quer porque se vendiam bem, quer ainda porque eram também uma forma de os impressores conseguirem benefícios dos

poderosos ou dos autores. Mais de três dezenas de impressores lisboetas aparecem associados à publicação destas obras. Algumas oficinas se relevam, no entanto, pelo número de obras saídas dos seus prelos. Tal foi o caso da oficina de António Pedroso Galvão e, depois, dos seus herdeiros que, entre 1700 e 1751, imprimiram 15 obras, ou de Pedro Ferreira, com 9 obras, ou de José António da Silva, Miguel Manescal (depois Miguel Manescal da Costa), ou Valentim da Costa Deslandes, todos com 8 obras. Ou ainda Francisco Luís Ameno, Francisco da Silva, Miguel Rodrigues, Pascoal da Silva ou a oficina Silviana e a da Academia Real, com 7 obras cada uma:

Impressores — datas das obras	N.º de obras imp.
António Isidoro da Fonseca — 1742, 42, 52	3
António Manuel de Almeida (Herd.) — 1742, 42	2
António Pedroso Galvão — 1700, 07, 08, 12, 14, 37 (Herdeiros) — 1743, 44, 50, 50, 50, 50, [50] 51, 51	} 15
António da Silva — 1747	
António Vicente da Silva — 1759	1
Bernardo da Costa — 1713	1
Domingos Carneiro (Herd.) — 1708	1
Domingos Gonçalves — 1746, 50	2
Ferreiriana — 1725	1
Francisco Luís Ameno — 1748, 50, 51, 51, 51, 52, 54	7
Francisco da Silva — 1742, 50, 50, 51, 51, 53	7
Imprensa Real Deslandesiana — 1711	1
Inácio Rodrigues — 1750, 50, 51, 51, 52	5
Joaquiniana da Música de D. Bernardo Fernandes Gaio — (1742)	1
José António da Silva — 1726, 26, 26, 27, 30, 30, 52, 52	8
José Lopes Ferreira — 1714, 17	2
José da Silva — 1750	1
José da Silva Natividade — 1742, 50, 50, 51	4
Luís José Correia Lemos — 1743	1
Manuel Coelho Amado — 1750	} 2
Nova Oficina de — 1751	
Manuel da Costa Coimbra — 1750	1



Manuel José Lopes Ferreira — 1708	1
Manuel da Silva — 1751	1
Manuel Soares Vivas — 1750	1
Miguel Manescal — 1695, 1712, 13	} 8
Miguel Manescal da Costa — 1750, 50, 50, 51, 54	
Miguel Rodrigues — 1742, 46, 48, 49, 50, 50, 51	7
Monravana — [1750]	1
Música— 1729, 34, 35	3
Música de Teotónio Antunes Lima —1736	1
Pascoal da Silva — 1720, 21, 22, 22, 22, 23, 24	7
Pedro Alvares da Silva —1748	1
Pedro Ferreira — 1729, 42, 43, 44, 50, 50, 50, 52, 53	9
Silviana e da Academia Real (Regia Of.) —1742, 50, 50, 50,51,52,53	7
Valentim da Costa Deslandes —1707, 08, 09, 09, 09, 09	8

Havia algumas oficinas, por assim dizer, especializadas. De 1720 a 1725, as serenatas feitas por ocasião dos aniversários do rei, normalmente em italiano, eram impressas na oficina de Pascoal da Silva. De 1725 a 1730, o impressor passou a ser José António da Silva, talvez parente do anterior.

Mostrando que valia a pena imprimir obras deste género, temos a oficina dos herdeiros de António Pedroso Galvão a imprimir, em 1750, a segunda edição de uma obra dedicada à saúde do rei. Temos também o impressor José da Silva Natividade a compilar, ele próprio, uma colecção de obras poéticas por ocasião da morte do monarca. Por outro lado, conceituadas oficinas imprimiam obras dispendiosas, como, por exemplo, a de Francisco Luís Ameno que editou uma colecção de obras poéticas em quatro volumes, em 1750.

## 5. Conclusões

De tudo o que ficou exposto, parece lícito tirar algumas conclusões:

1. Havia uma preocupação por parte da maioria dos autores, bem da maioria dos impressores, de se fazerem conhecer inteligivelmente. Esta preocupação justificava-se, quer por motivos de competição social e

cultural com os outros autores, quer ainda para identificar quem recebia ou quem pedia alguma mercê, não necessariamente régia.

2. Embora houvesse alguns casos de obras panegíricas redigidas por obrigação religiosa — caso de alguns clérigos —, social — caso de alguns nobres —, ou cultural — caso de alguns académicos —, outros havia que visavam claramente a obtenção de mercês ou o agradecimento por favores já obtidos.

3. Neste sentido, bastantes obras eram dedicadas a outras personalidades que não o rei, possibilitando uma mais fácil obtenção de qualquer benefício ou um subsídio para a publicação da obra.

4. Muitas destas obras visavam ainda homenagear os protectores de várias instituições, nomeadamente as academias.

5. A maioria das obras eram escritas em português, o que implicava um largo público, atraindo com maior facilidade impressores e livreiros.

6. A publicação destas obras mostrava-se também vantajosa para os impressores, quer porque se vendiam com facilidade, quer porque a sua publicação era paga inicialmente por patrocinadores, quer ainda porque eram um meio de obtenção de benefícios.